

Capítulo 37

O naturalismo constitui uma noção fundamental que marcou profundamente grande parte da arte ocidental, da antiga Grécia até o final do século XIX, com uma única interrupção, durante a Idade Média

CONCEITO DE NATURALISMO

O NATURALISMO

→ Ambição de colocar diante do observador uma semelhança convincente das aparências reais das coisas

↳ {
Realismo mostra o mundo como ele é, nem melhor nem pior
Idealismo retrata o mundo nas suas condições mais favoráveis

O NATURALISMO NA ARTE GREGA

↳ {
As obras de arte dessa época eram utensílios (vasos, ânforas, copos), edificações (templos) ou instrumentos educacionais
O artífice era considerado um trabalhador manual, do mesmo nível do agricultor ou do ferramenteiro

PLATÃO

↳ {
Nega valor autônomo ao que chamamos de arte
Arte só poderia ter valor se representasse corretamente a ordem do mundo ou nos fizesse agir eticamente nele
A beleza em si é uma forma, acessível somente ao intelecto

A MÍMESE (OU IMITAÇÃO)

Para Platão → mímeses seria a imitação não da ideia (essência universal) da coisa, mas tão somente de sua aparência, isto é, de um objeto concreto e particular

Aristóteles → A mímeses é natural para as pessoas desde a infância, por ser um modo de aprendizado → resulta em conhecimento porque copia corretamente o objeto e o simplifica



Capítulo 37

A ESTÉTICA MEDIEVAL E A ESTILIZAÇÃO

Em virtude do analfabetismo generalizado das populações dos feudos, a Igreja Católica utilizou-se da pintura e da escultura para fins didáticos, ou seja, para ensinar a religião e infundir o temor do julgamento final e das penas do inferno

Obras de arte assumiram a condição de símbolos, a postura naturalista é abandonada em prol da estilização

Da simplificação dos traços, da esquematização das figuras e do desapego aos detalhes individualizantes

AGOSTINHO

Ultrapassou a noção da mimese platônica porque considerava a arte humana um símbolo do significado da arte de Deus
A única importância da obra de arte é demonstrar a harmonia divina

TOMÁS DE AQUINO

Retoma o pensamento de Aristóteles, recupera o mundo sensível que havia sido considerado fonte de pecado durante quase toda a Idade Média
Adaptou o conceito de "forma" que justifica a existência das coisas individuais → encarnação simbólica do logos divino
Estabeleceu três condições para a beleza: integridade ou perfeição; devida proporção ou harmonia entre as partes; claridade ou luminosidade



Capítulo 37

O NATURALISMO RENASCENTISTA

- As artes foram buscar um naturalismo crescente, mantendo estreita relação com a ciência empírica que despontava na época e fazendo uso de todas as suas descobertas e elaborações em busca do ilusionismo visual
- Noção de profundidade sobre uma superfície plana



RACIONALISMO E ACADEMISMO: A ESTÉTICA NORMATIVA

- Artistas e críticos identificaram o seguir a natureza com o seguir a razão, uma vez que a natureza humana consiste em ser racional
 - Racionalismo estético, nos séculos XVII e XVIII, tentou estabelecer normas sólidas para o fazer artístico
 - Dedução de um axioma fundamental e evidente por si mesmo
 - A arte é uma imitação da natureza que inclui o universal, o normativo, o essencial, o característico e o ideal
 - Estética normativa

OS EMPIRISTAS INGLESES

- A beleza não é uma qualidade das coisas em si, é um sentimento na mente de quem as contempla
- Não pode haver um padrão de gosto, pois, assumindo que somos capazes de detectar a presença e a ausência de prazer em nossas mentes todos os julgamentos de beleza serão verdadeiros e, por isso, todos os gostos igualmente válidos

DAVID HUME APRESENTA UMA DIVISÃO DO “MECANISMO DO GOSTO” EM DOIS ESTÁGIOS

- O primeiro estágio é perceptivo, isto é, aquele em que percebemos qualidades nos objetos
- O segundo é um estágio afetivo, no qual sentimos o prazer da beleza ou o desprazer da “deformação”, ativados pela percepção dessas qualidades

KANT E A CRÍTICA DO JUÍZO ESTÉTICO

Parte da seguinte questão: há condições a priori para se fazer julgamentos baseados no prazer, ou seja, o julgamento de que algo é belo?

Ao julgamento de que algo é belo, Kant dá o nome de “julgamento de gosto”

Os juízos estéticos são juízos acerca do que agrada sem a necessidade de um conceito

Que se possa fazer o julgamento de gosto, é preciso que o objeto desse julgamento gere em nós uma satisfação ou insatisfação totalmente desinteressada, isto é, não relacionada ao uso que o objeto possa ter para nós

A beleza reside primordialmente na atitude desinteressada do sujeito, em relação a qualquer experiência

Julgamentos de gosto não podem ser demonstrados, isto é, não pode haver uma regra que force alguém a reconhecer algo como sendo belo

O prazer do belo vem da percepção da forma do objeto, em contraste com as sensações ou conceitos que ele desperta

IDEALISMO DE SCHILLER

O valor da arte está no papel que desempenha ao dar cor e significado à vida, mesmo que seu objetivo segundo seja condicionar os cidadãos para a participação em um estado político moralmente elevado

Enfatiza a alegria da expressão do espírito na arte

O impulso do jogo integra as forças passiva (leva à realidade formal e abstrata) e ativa (realização concreta)

A educação estética conduz à moralidade

A ESTÉTICA ROMÂNTICA

Gênio, imaginação criadora, originalidade, expressão, comunicação, simbolismo, emoção e sentimento

Genialidade “conjunto de disposições naturais pelas quais um indivíduo sai do ordinário ou do comum, revelando-se alguém superdotado de um poder de criação que se manifesta no domínio das artes

O gênio era essencialmente original e expressava sua natureza superior por meio de obras pelas quais as pessoas comuns entrariam em contato com ele e comungariam com sua personalidade

Imaginação como faculdade captadora de verdade, acima da razão e, às vezes, superior a ela e ao entendimento, sendo um dom especial do artista
Concebe a arte como expressão das emoções pessoais de um artista cuja personalidade genial se torna o centro de interesse



Capítulo 37

A MODERNIDADE E O FORMALISMO

↳ A revolução estética iniciada no século XVIII, quando se propôs a atenção desinteressada como marca da percepção estética e o sentimento como forma de cognição, foi completada nos últimos cem anos, passando a apreciação estética a ser o único Valor das obras de arte

↳ A partir do momento em que o ser da arte não é representar naturalisticamente o mundo, nem promover valores, sejam eles sociais, morais, religiosos ou políticos, torna-se possível encontrar a especificidade da arte enquanto promotora da experiência estética

↳ O repúdio à estética sistemática
↳ Artistas passam a menosprezar o assunto ou tema das suas obras para valorizar o fazer a obra de arte

O FORMALISMO

↳ É uma posição acerca da natureza da arte que tem implicações importantes para os limites da apreciação artística
↳ O triunfo da música orquestral pura e o aparecimento da pintura moderna que romperá com o naturalismo

O PÓS-MODERNISMO

↳ O pós-modernismo, movimento iniciado na arquitetura italiana dos anos 1950, coloca-se como reação à busca da universalidade e racionalidade, propondo a volta do passado por meio de materiais, formas e valores simbólicos ligados à cultura local

↳ Da arquitetura, passa para as artes plásticas (pop-art dos anos 1950 e 1960), a literatura (o novo romance francês) e o teatro, com os happenings, as performances, até chegar às intervenções

Os filósofos pós-modernistas criticam a ideia de que se pode chegar à verdade — como as coisas são em si — por meio das faculdades naturais



O acesso às coisas é mediado pela linguagem que constrói o que erradamente supomos ser o mundo real

OS PRINCIPAIS POSTULADOS DO PÓS-MODERNISMO SÃO

- Não é possível haver uma interpretação verdadeira de uma obra
- Uma obra de arte não é boa nem tem propriedades formais intrínsecas; o mérito artístico é função das contingências históricas e culturais
- A arte e os produtos culturais humanos, em geral, moldam a cognição humana de tal maneira que se torna impossível ir além das narrativas, textos, discursos, “vocabulários” ou paradigmas dominantes a fim de estabelecer sua verdade e, desse modo, sua adequação

CARACTERÍSTICAS DA ESTÉTICA PÓS-MODERNA

- Desconstrução da forma.
- Pastiche e ecletismo que permitem juntarem-se as coisas mais variadas e até mesmo antagônicas na mesma obra
- Uso da paródia, discurso paralelo que comenta e, em geral, ridiculariza o discurso principal
- Uso da metalinguagem, isto é, da citação de outras obras
- Incorporação do cotidiano e da estética dos meios de comunicação de massa
- Pela efemeridade, ou pequena duração, de muitas de suas obras

